

A black and white photograph of a man in a workshop. He is wearing a dark cap and a light-colored shirt. He is holding a tool, possibly a drill or a similar mechanical device, and appears to be working on a piece of machinery. The background is dark and industrial, with various mechanical parts and structures visible. The text "o caracol e sua concha" is overlaid in white, sans-serif font in the center of the image.

o caracol
e sua concha

COLEÇÃO

Mundo do Trabalho

AS NOVAS INFRAESTRUTURAS PRODUTIVAS: DIGITALIZAÇÃO DO TRABALHO, E-LOGÍSTICA E INDÚSTRIA 4.0

Ricardo Festi e Jörg Nowak (orgs.)

PETROBRAS E PETROLEIROS NA DITADURA TRABALHO, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

Luci Praun, Alex de Souza Ivo, Carlos Freitas, Claudia Costa,
Julio Cesar Pereira de Carvalho, Márcia Costa Misi, Marcos de Almeida Matos

GÊNERO E TRABALHO NO BRASIL E NA FRANÇA

Alice Rangel de Paiva Abreu, Helena Hirata
e Maria Rosa Lombardi (orgs.)

OS LABORATÓRIOS DO TRABALHO DIGITAL

Rafael Grohmann

AS ORIGENS DA SOCIOLOGIA DO TRABALHO

Ricardo Festi

PARA ALÉM DO CAPITAL E PARA ALÉM DO LEVIATÃ

István Mészáros

A PERDA DA RAZÃO SOCIAL DO TRABALHO

Maria da Graça Druck e Tânia Franco (orgs.)

SEM MAQUIAGEM: O TRABALHO DE UM MILHÃO DE REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS

Ludmila Costhek Abilio

A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA

Friedrich Engels

O SOLO MOVEDIÇO DA GLOBALIZAÇÃO

Thiago Aguiar

SUB-HUMANOS: O CAPITALISMO E A METAMORFOSE DA ESCRAVIDÃO

Tiago Muniz Cavalcanti

TEOREMA DA EXPROPRIAÇÃO CAPITALISTA

Klaus Dörre

UBERIZAÇÃO, TRABALHO DIGITAL E INDÚSTRIA 4.0

Ricardo Antunes (org.)

Veja a lista completa dos títulos em:
<https://bit.ly/BoitempoMundodoTrabalho>

Ricardo Antunes

o caracol e sua concha

ensaios sobre a nova
morfologia do trabalho



Copyright © Ricardo Antunes
Copyright desta edição © Boitempo Editorial, 2005

<i>Coordenação editorial</i>	Ivana Jinkings Aluizio Leite
<i>Assistência editorial</i>	Ana Paula Castellani Livia Campos Pedro Carvalho
<i>Preparação</i>	Beatriz Rocha Garcia
<i>Capa</i>	Antonio Kehl sobre <i>Weaver Facing Left with Spinning Wheel</i> , de Vincent van Gogh, 1884
<i>Editoração eletrônica</i>	Raquel Sallaberry Brião
<i>Coordenação de produção</i>	Juliana Brandt
<i>Assistência de produção</i>	Livia Viganó

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A644c

Antunes, Ricardo L. C. (Ricardo Luís Coltro), 1953-
O caracol e sua concha : ensaios sobre a nova morfologia do trabalho/Ricardo
Antunes. - São Paulo : Boitempo, 2005
136p. : . -(Mundo do trabalho)

Inclui bibliografia
ISBN 85-7559-065-0

1. Trabalho. 2. Trabalho - Aspectos sociais. 3. Sociologia industrial. I. Título. II.
Título: Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. III. Série.

05-2275.

CDD 305.56
CDU 331

É vedada a reprodução de qualquer parte
deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico
em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: julho de 2005; 1ª reimpressão: abril de 2011
1ª edição revista: junho de 2012; 2ª reimpressão: fevereiro de 2025

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br | boitempoeditorial.com.br

blogdaboitempo.com.br | youtube.com/tvboitempo

*Para Octávio Ianni
e Mauricio Tragtenberg,
mestres e amigos.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 A CRISE DA SOCIEDADE DO TRABALHO: fim da centralidade ou desconstrução do trabalho?	23
2 A DESMEDIDA EMPRESARIAL na sociedade da “qualidade total”	41
3 A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO e o desenho multifacetado das ações coletivas	47
4 ALGUMAS TESES SOBRE O PRESENTE (e o futuro) do trabalho	59
5 A DIALÉTICA DO TRABALHO	67
6 O CARÁTER POLISSÊMICO e multifacetado do mundo do trabalho.....	75
7 O TRABALHO ENTRE A PERENIDADE E A SUPERFLUIDADE: alguns equívocos sobre a desconstrução do trabalho	85
8 A SUBVERSÃO DO CAPITAL e os sentidos do trabalho	95
9 OPACIDADE (OU VITALIDADE) das classes sociais?.....	101
10 <i>REVIVAL</i> DO ANARQUISMO?	109
11 UMA APOSTA NO FUTURO.....	115
12 UM NOVO DESAFIO.....	123
FONTES DOS TEXTOS	129
BIBLIOGRAFIA.....	131

4

ALGUMAS TESES SOBRE O PRESENTE (e o futuro) do trabalho

Como consequência das significativas mutações que ocorreram no mundo da produção e do trabalho nas últimas décadas do século XX, tornou-se frequente falar em “desaparição do trabalho”¹, em substituição da esfera do trabalho pela “esfera comunicacional”², em “perda de centralidade da categoria trabalho”³, em “fim do trabalho”⁴, ou, ainda, na versão mais qualificada e crítica à ordem do capital⁵, para citar as formulações mais expressivas.

Neste texto, de forma sintética, vou procurar apresentar algumas teses que se contrapõem às ideias mencionadas. E o farei por meio da apresentação de *algumas* teses centrais que, no meu entendimento, fazem parte do presente (e do futuro) do trabalho.

I) Contra a equívoca desconstrução teórica realizada nas últimas décadas pelos chamados críticos da sociedade do trabalho, nosso grande

¹ Dominique Méda, *Società senza lavoro*, cit.

² Jürgen Habermas, *The Theory of Communicative Action: Reason and the Rationalization of Society*, cit., e *The Theory of Communicative Action: The Critique of Functionalist Reason*, cit.

³ Claus Offe, “Trabalho como categoria sociológica fundamental?”, em *Trabalho & Sociedade* (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989, v. 1).

⁴ Jeremy Rifkin, *O fim dos empregos*, cit.

⁵ Robert Kurz, *O colapso da modernização*, cit.

desafio é compreender a nova morfologia do trabalho, seu caráter multifacetado, polissêmico e polimorfo. Isso nos obriga a desenvolver uma noção ampliada e moderna de classe trabalhadora (que venho chamando, de modo sinônimo, de *classe-que-vive-do-trabalho*) que inclui a totalidade daqueles homens e mulheres que vendem sua força de trabalho em troca de salário⁶.

Essa nova morfologia do mundo do trabalho tem como núcleo central os trabalhadores produtivos (no sentido dado por Marx, especialmente no *Capítulo VI*), e não se restringe ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social e do trabalho coletivo assalariado. Como o trabalhador produtivo é aquele que produz diretamente mais-valia e que participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora. E é preciso acrescentar que a moderna classe trabalhadora também inclui os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo no processo de valorização do capital. Todavia, como há uma crescente imbricação entre trabalho produtivo e improdutivo no capitalismo contemporâneo, e como a classe trabalhadora incorpora essas duas dimensões básicas do trabalho sob o capitalismo, a noção ampliada nos parece fundamental para a compreensão do que é a classe trabalhadora hoje.

II) Uma noção ampliada de classe trabalhadora deve incluir também todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial e dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Incorpora o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, *part-time*, o novo proletariado dos *McDonald's*, os trabalhadores terceirizados e precarizados, os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal” – que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital –, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva na fase de expansão do desemprego estrutural.

III) A classe trabalhadora hoje exclui, naturalmente, os gestores do capital e seus altos funcionários, que detêm papel de controle no pro-

⁶ Ricardo Antunes, *Os sentidos do trabalho*, cit., e *Adeus ao trabalho?*, cit.

cesso de trabalho, de valorização e reprodução do capital no interior das empresas, e que recebem rendimentos elevados, ou ainda aqueles que, de posse de um capital acumulado, vivem da especulação e dos juros. Exclui também, em meu entendimento, os pequenos empresários, as pequenas burguesias urbana e rural proprietárias.

IV) Compreender a classe trabalhadora hoje significa perceber também o significativo processo de feminização do trabalho, que atinge mais de 40% ou 50% da força de trabalho em diversos países, e que tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part-time*, precarizado e desregulamentado. No Reino Unido, por exemplo, o contingente feminino superou, desde 1998, o contingente masculino na composição da força de trabalho. Sabe-se que essa nova divisão sexual do trabalho tem, entretanto, significado fortemente desigual ao serem comparados os salários e os direitos e condições de trabalho em geral. Nessa divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são predominantemente realizadas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação e frequentemente fundadas em trabalho intensivo são prevalentemente destinadas às mulheres trabalhadoras e, muito frequentemente também, aos/às trabalhadores/as imigrantes e negros/as.

E, além disso, por meio da duplicidade do ato laborativo, a mulher trabalhadora é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço produtivo quanto no reprodutivo. Além de atuar crescentemente no espaço público, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do trabalho doméstico, garantindo a esfera da reprodução social, esfera do trabalho não diretamente mercantil, mas indispensável para a reprodução do sistema de metabolismo social do capital.

V) Como o capital é um sistema global, o mundo do trabalho e seus desafios são também cada vez mais mundializados, transnacionalizados e internacionalizados. Se a mundialização do capital e de sua cadeia produtiva é fato evidente, o mesmo não ocorre no mundo do trabalho, que ainda se mantém predominantemente nacional, o que é um limite enorme para a ação dos trabalhadores. Com a reconfiguração do espaço e do tempo de produção, há um processo de reterritorialização e também de desterritorialização, a partir do qual novas regiões industriais nascem e outras são eliminadas. Isso recoloca a confrontação social num patamar

mais complexificado, dado pelo embate entre o capital social total e a totalidade do trabalho social.

VI) Quando concebemos a forma contemporânea do trabalho, não podemos concordar com as teses que desconsideram o novo processo de interação entre trabalho vivo e trabalho morto. O capital necessita, hoje, cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou *part-time*, terceirizado, os trabalhadores hifenizados, que se encontram em explosiva expansão em todo o mundo. Como o capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais, ele deve, além de incrementar sem limites o trabalho morto corporificado no maquinário tecnocientífico, aumentar a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobretrabalho em um tempo cada vez mais reduzido. A redução do proletariado taylorizado, a ampliação do trabalho intelectual abstrato nas plantas produtivas de ponta e a ampliação generalizada dos novos proletários precarizados e terceirizados da “era da empresa enxuta” são fortes exemplos disso.

VII) No mundo do trabalho contemporâneo, o saber científico e o saber laborativo mesclam-se ainda mais diretamente. As máquinas inteligentes podem substituir grande parte do trabalho vivo, mas não podem eliminá-lo definitivamente. Ao contrário, a sua introdução utiliza-se do trabalho intelectual dos trabalhadores que, ao atuarem na máquina informatizada, transferem parte dos seus novos atributos intelectuais à nova máquina que resulta desse processo, dando novas conformações à teoria do valor. Estabelece-se um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva à extinção do trabalho, como imaginou Habermas, mas a um processo de retroalimentação que necessita cada vez mais de uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico.

Com a conversão do trabalho vivo em trabalho morto, a partir do momento em que, pelo desenvolvimento dos *softwares*, a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana, o que se pode presenciar é um processo que Lojkin⁷ denominou objetivação das atividades cerebrais junto à maquinaria, de trans-

⁷ Jean Lojkin, *A revolução informacional* (São Paulo, Cortez, 1995).

ferência do saber intelectual e cognitivo da classe trabalhadora para a maquinaria informatizada. A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional por meio dos computadores, acentua a transformação de trabalho vivo em trabalho morto e recria novas formas e modalidades de trabalho.

VIII) Desenvolve-se na sociedade contemporânea outra tendência dada pela crescente imbricação entre trabalho material e imaterial, uma vez que se presencia, além da monumental precarização do trabalho (traço este central quando se analisa o mundo do trabalho hoje), um aumento das atividades dotadas de maior dimensão intelectual, quer nas atividades industriais mais informatizadas, quer nas esferas compreendidas pelo setor de serviços ou nas comunicações, entre tantas outras. O trabalho imaterial (ou não material, como disse Marx no *Capítulo VI*) expressa contemporaneamente a vigência da esfera informacional da forma-mercadoria: ele é expressão do conteúdo informacional da mercadoria, exprimindo as mutações do trabalho operário no interior das grandes empresas e do setor de serviços que são dotados de tecnologia de ponta. Trabalhos material e imaterial, na imbricação crescente que existe entre ambos, encontram-se, entretanto, centralmente subordinados à lógica da produção de mercadorias e de capital, como sugerem Vincent⁸ e Tosel⁹.

IX) Desse modo, em vez de desconsiderar o trabalho e substituir a lei de valor como medida societal prevalente, a nova fase dos capitais globais retransfere, em alguma medida, o *savoir-faire* para o trabalho, mas o faz apropriando-se crescentemente da sua dimensão intelectual, das suas capacidades cognitivas, procurando envolver mais forte e intensamente a subjetividade operária. Como a máquina não pode suprimir completamente o trabalho humano, ela necessita de uma maior interação entre a subjetividade que trabalha e a nova máquina inteligente. Nesse processo, o envolvimento interativo aumenta ainda mais o estranhamento e a alienação do trabalho, ampliando as formas modernas da reificação, por meio das subjetividades inautênticas e heterodeterminadas¹⁰.

⁸ Jean-Marie Vincent, “Les automatismes sociaux et le ‘general intellect’”, cit.

⁹ André Tosel, “Centralité et non-centralité du travail ou la passion des hommes superflus”, cit.

¹⁰ Ver Nicolas Tertulian, “Le concept d’aliénation chez Heidegger et Lukács” em *Archives de Philosophie-Recherches et Documentation*, Paris, nº 56, julho/setembro 1993.

X) No contexto do capitalismo tardio, a tese habermasiana, presente em *The Theory of Communicative Action: the Critique of Functionalist Reason*, acerca da *pacificação dos conflitos de classes* encontra-se sob forte erosão e questionamento. Não só o *Welfare State* vem desmoronando no relativamente escasso conjunto de países nos quais ele teve efetiva vigência, como também as desmontagens presenciadas no *Estado Keynesiano* colocaram-no sob uma forte dimensão privatizante, desintegrando ainda mais a restrita base empírica de sustentação da tese habermasiana que propugnava pela pacificação das lutas sociais. Com a erosão crescente do *Welfare State*, a expressão fenomênica e contingente da pacificação dos conflitos de classes – a que Habermas queria conferir estatuto de determinação – vem dando mostras crescentes de envelhecimento precoce. E, o que pretendia ser, para Habermas, uma suposta crítica exemplificadora da incapacidade marxiana de compreender o capitalismo tardio é, de fato, uma enorme lacuna do constructo habermasiano. As recentes ações de resistência dos trabalhadores – especialmente desde Seattle, Nice, Praga e Gênova – contra a mercadorização do mundo são exemplos das novas formas de confrontação assumidas na era da mundialização do capital.

XI) Ao efetivar a disjunção analítica entre trabalho e interação, práxis laborativa e ação intersubjetiva, atividade vital e ação comunicativa, sistema e mundo da vida, Habermas distanciou-se do momento em que se realiza a articulação inter-relacional entre mundo da objetividade e da subjetividade, questão nodal para a compreensão do ser social. Habermas realiza uma sobrevalorização e disjunção entre essas dimensões decisivas da vida social, e a perda desse liame indissolúvel o levou a autonomizar equivocadamente a chamada esfera comunicacional. Nesse sentido, quando Habermas fala em colonização do mundo da vida pelo sistema, ele oferece uma versão muito tênue diante do que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, marcado pela vigência do trabalho abstrato, pela fetichização do mundo das mercadorias e pela crescente reificação da esfera comunicacional.

XII) Se esses pontos condensam alguns traços característicos da chamada “sociedade do trabalho” no final do século XX, o século que agora se inicia exige que reflitamos também acerca do futuro do trabalho ou do trabalho do futuro. E aqui aflora uma questão que, em meu entendimento, é essencial e que aqui somente sintetizo: uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho desprovido de sen-

tido com tempo verdadeiramente livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará maculada pela desefetivação que se dá no interior da vida laborativa.

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem a gestação de formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho se torna dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo.

XIII) Se o fundamento das ações sociais for voltado radicalmente contra as formas de (des)sociabilização e mercadorização do mundo, a batalha imediata pela redução da jornada ou do tempo de trabalho se tornará inteiramente compatível com o direito ao trabalho (em jornada reduzida e sem redução de salário). Desse modo, a reivindicação central, para o mundo do trabalho, pela imediata redução da jornada (ou do tempo) de trabalho, e a luta pelo emprego, são profundamente articuladas e complementares, e não excludentes. E o empreendimento societal por um trabalho cheio de sentido e pela vida autêntica fora do trabalho, por um tempo disponível para o trabalho e por um tempo verdadeiramente livre e autônomo fora do trabalho – ambos, portanto, fora do controle e comando opressivo do capital – convertem-se em elementos essenciais na construção de uma sociedade não mais regulada pelo sistema de metabolismo social do capital e seus mecanismos de subordinação. O que nos leva a indicar, em última tese, alguns fundamentos societais elementares para uma nova forma de organização societal.

XIV) O exercício do trabalho autônomo, eliminado o dispêndio de tempo excedente para a produção de mercadorias, e eliminado também o tempo de produção destrutivo e supérfluo (esferas estas hoje controladas pelo capital), possibilitará o resgate verdadeiro do sentido estru-

turante do trabalho vivo, contra o sentido (des)estruturante do trabalho abstrato. Isso porque, sob o sistema de metabolismo social do capital, o trabalho que estrutura o capital também *desestrutura* o ser social. O trabalho assalariado que dá sentido ao capital gera uma subjetividade inautêntica no próprio ato de trabalho.

Numa forma de sociabilidade superior, o trabalho, ao reestruturar o ser social, terá como corolário a desestruturação do próprio capital. E, avançando na abstração, esse mesmo trabalho autônomo, autode-terminado e produtor de coisas úteis tornará sem sentido e supérfluo o capital, gerando as condições sociais para o florescimento de uma subjetividade autêntica e emancipada. Dando, desse modo, um novo sentido ao trabalho e dando à vida um novo sentido. Resgatando a dignidade e o sentido de humanidade social que o mundo atual vem fazendo desmoronar. E que o século XXI poderá conquistar.